

## Jovens da Renovação Carismática Católica em Belo Horizonte<sup>1</sup>

Vera Maria Passos Wanderley Dias

Mestre em Ciências Sociais da PUC-SP

### Resumo

Este artigo trata da Renovação Carismática Católica descrita pelos seus jovens membros, especificamente de duas paróquias de Belo Horizonte. A observação participante e as histórias temáticas nas quais os entrevistados contam sua experiência no grupo permitiram uma análise sócio-antropológica dessa opção da juventude pela religião na modernidade.

**Palavras chave:** juventude, Renovação Carismática Católica, modernidade

### Abstract

This paper is about the Catholic Charismatic Renewal described by its young members, specifically in two parishes in Belo Horizonte. Participant observation and research in which the stories the interviewees tell their experience in the group allowed a socio-anthropological analysis of the choice of religion by the youth in the modernity.

**Key words:** youth, Catholic Charismatic Renewal, modernity

---

<sup>1</sup>Este artigo foi apresentado no 1º Encontro Internacional Religião: Questões de Fronteira, do Núcleo de Pesquisa Religião e Sociedade, realizado na PUC-SP de 11 a 13/11/2009 quando fazia parte da pesquisa em andamento com fins de obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Ensinos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, orientada pela Profª. Drª. Eliane Hojaij Gouveia.

A Renovação Carismática Católica (RCC) tem chamado a atenção dos pesquisadores sociais pela grande participação dos jovens não só nos grupos de oração, que constituem a base da RCC<sup>2</sup>, mas também na sua organização, nas obras das paróquias e na evangelização. É cada vez mais notada a presença marcante da juventude atuando ativamente, consumindo e produzindo tudo que diz respeito às comunidades carismáticas e atraindo outros jovens para seus grupos, principalmente através da música e da mídia. Nas palavras de Fernando, (17): *“Eles fazem mais dinâmicas, mais louvor, todo mundo canta, te envolve. Aquilo é uma coisa que preenche. Você precisa de alguma coisa que te preenche na adolescência e aqui preenche sua vida”*.

O que me levou a pesquisar estes jovens carismáticos em Belo Horizonte<sup>3</sup>, cidade onde moro, foi a forte impressão causada por apresentar uma estética nas roupas e no modo de se comportar diferente da estética de outros jovens, levando a um estranhamento pelo impacto da presença de uma homogeneidade de comportamentos estereotipados, dando uma sensação de parte de uma “vitrine”, onde tudo está organizado. Esses jovens manifestam atitudes semelhantes, e justamente numa época de suas vidas onde se espera maior contestação do que está instituído, se voltam para um lugar onde podem ser encontrados os valores mais moralistas da sociedade: a Renovação Carismática Católica, que é um grupo religioso conservador, no seio da Igreja Católica tradicional. Assim, ao invés de transgredir e de procurar experimentar tudo o que a vida moderna pode oferecer, os jovens carismáticos procuram a estabilidade e o conforto de normas e dogmas para seguir. Através de suas histórias de vida foi se esboçando um modelo de jovem carismático que vai à missa, retiros e encontros, participa das obras da Igreja, fala em sexo somente após o casamento e procura passar para os outros jovens sua experiência com Deus, a fim de atraí-los para a RCC, se comportando de modo a servir de exemplo para os mais novos.

Para tentar entender a escolha por um grupo religioso num leque grande de opções de participação social de uma juventude inserida na modernidade, escolhi trabalhar com jovens carismáticos de duas paróquias<sup>4</sup>: Mãe da Igreja, no Bairro Vila

---

<sup>2</sup>Foi usada a sigla RCC referindo-se à Renovação Carismática Católica por ser esta a denominação utilizada pelos seus próprios membros, pela mídia em geral e em trabalhos publicados sobre o tema.

<sup>3</sup>Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, com população de 2.434.642 habitantes segundo IBGE, 2008.

<sup>4</sup>Aqui vale ressaltar que os grupos da Renovação Carismática Católica (RCC) estão geralmente ligados às Paróquias, seguindo a hierarquia da Igreja Católica.

Paris, e Nossa Senhora Rainha, no Bairro Belvedere. Estou falando de um jovem na faixa etária de 15 a 24 anos<sup>5</sup>, que diz ter uma família estruturada que o sustenta, mora em um bairro onde predomina a classe média e alta, estuda em escola particular e não tem problemas financeiros. No caso deste estudo, me identifiquei com as idéias da pesquisadora da USP Marília Sposito (2003), que prefere falar de juventudes, assim mesmo, no plural, para chamar a atenção sobre qual juventude estamos tratando, pois para ela o “jovem” foi inventado pela sociedade moderna. O emprego do termo juventude se distingue pela época, pela classe social e pela condição sócio-econômica. Portanto, parafraseando a autora, há que se ter cuidado com as generalizações e levar em conta as diferenças, lembrando que toda classificação é arbitrária e foi criada como um modelo para melhor entendimento do conceito, no caso, juventude. Minha preocupação no Mestrado é buscar compreender porque esse jovem com tantas possibilidades de escolha opta justamente por fazer parte de um grupo religioso. E, no âmbito dessa pesquisa, não é a participação ativa de jovens em qualquer religião que centro minha investigação, mas sim numa bem tradicional, institucionalizada, com regras claras e precisas, balizadas em comportamentos e valores conservadores: a Renovação Carismática Católica. Há indicações, tanto pelas referências teóricas quanto pelos dados obtidos até aqui, que o vazio provocado pela modernização está sendo preenchido pela religião, que retoma seu papel de regulador social e funciona como principal instância produtora de sentido, o que poderia explicar sua busca pelos jovens, pois a procura de valores tradicionais recupera a segurança perdida. Este fenômeno pode ser observado com a vigorosa presença dos jovens na Renovação Carismática Católica (RCC) em Belo Horizonte, objeto de estudo do presente trabalho. Minhas observações apontam que, embora usem a razão e usufruam o progresso tecnológico cotidianamente, isso não basta para satisfazer suas necessidades, o que os leva a buscar nos grupos religiosos sentimentos de pertença, segurança e proteção que não encontram nas suas outras relações. As pesquisas de Regina Novaes<sup>6</sup> corroboram estas observações, indicando a predominância dos grupos religiosos nas formas de participação juvenil<sup>7</sup>. No seu artigo “Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do

---

<sup>5</sup>Faixa etária estabelecida nesse texto conforme aponta NOVAES (2006). Torna-se oportuno lembrar que embora as Nações Unidas considerem os jovens como indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, no Brasil se aceita excepcionalmente o grupo de 24 a 29 anos para elaboração de políticas públicas, de acordo com a Secretaria Nacional de Juventude.

<sup>6</sup> Ver NOVAES, Regina & MELLO, Cecília. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. *Comunicações do Iser*, n.57, ano 21. Rio de Janeiro, 2002.

<sup>7</sup> Ver mais detalhes na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” em ABRAMO & BRANCO (2005).

tempo”<sup>8</sup> embora enfoque principalmente aqueles sem religião, ela comenta como os jovens podem ser vistos como um espelho que reflete as ambivalências e contradições da sociedade brasileira moderna. Para a autora, num tempo em que impera a insegurança, onde não se tem certeza de nada, e onde as relações se mostram frágeis e instáveis, a inserção num grupo religioso ganha novos significados. Novaes pondera que, se essa busca não está livre do modismo consumista da Modernidade, ao mesmo tempo pode significar uma afirmação do pertencimento religioso como fator de agregação social e configura uma resposta ética, de paz, em meio a tanta turbulência.

Essas motivações também aparecem numa pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), publicada em 2002,<sup>9</sup> que aponta como “primeira motivação de crer” a “realização de um sentido de vida e encontro de justiça, paz e harmonia pela religião”. Nas palavras da autora da pesquisa, Andréa Martins, (...) esse significado reporta-se ao sentido clássico da religião e assegura uma função social específica a ela, isto é, oferecer referências para um agir ético e responder ao sentido da vida.<sup>10</sup>

De acordo com os dados da pesquisa de Martins, é justamente nas regiões metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte onde o catolicismo institucional sobressai no Brasil, o que reporta aos jovens belo-horizontinos e seu interesse por uma religião tradicional. Os referidos dados encontram ressonância com aqueles coletados na minha pesquisa. Eles apontam que, ao entrar e permanecer nesta comunidade, os jovens passam a se comportar da maneira que o grupo aceita e assim, se sentem acolhidos e protegidos de um mundo que não os faz sentir bem, como nos explica Carol, (17):

*“A Igreja é tudo para mim, ela me salvou, se não fosse ela não sei onde estaria. Eu estaria perdida, depressiva, sei lá (se emociona). Teve uma época que eu estava com mil problemas na escola, amizades, tudo, e lá que me deixou bem, devo tudo lá. Se hoje estou bem, feliz, tranqüila, é por causa de lá”.*

---

<sup>8</sup> NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

<sup>9</sup> MARTINS, Andréa Damacena. *Crenças e motivações religiosas*. In: SOUZA, Luiz Alberto Gómez & FERNANDES, Sílvia Regina Alves (orgs.). *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. Coleção CERIS. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>10</sup> Idem, p.78.

Essa necessidade de segurança e bem-estar, que a fala da Carol deixa bem clara, se faz presente na modernidade, que para Balandier “é o movimento mais a incerteza”,<sup>11</sup> ou seja, vivemos num momento marcado pela fluidez, onde “... tudo está embaralhado, as fronteiras se deslocam, as categorias se tornam confusas. (...) O individualismo generalizado, o enfraquecimento das relações, a incerteza na identificação contribuem conjuntamente para essa instabilidade”.<sup>12</sup>

É nesse mundo instável e fragmentado da nossa sociedade contemporânea, descrita por Bauman (2003) como “modernidade líquida”,<sup>13</sup> que os jovens vão ter que buscar sentido para suas vidas. O sentimento de pertença a um grupo dá a sensação de segurança que este mundo incerto não consegue proporcionar, o que pode ser um dos motivos que leva esses jovens a procurar orientações sólidas a que possam recorrer para não se sentirem perdidos.

Tanto Balandier (1999) quanto Bauman (2001) caminham na mesma linha ao pensarem a sociedade em que vivemos como imersa numa modernidade fluida, líquida, sem contornos definidos e com fronteiras borradas, sendo essa concepção de modernidade a utilizada neste texto. Fazer parte deste mundo instável passa a sensação de insegurança, movimento constante e incerteza, e é nesse lugar “sem chão” que o jovem da minha pesquisa tem que viver. Segundo Balandier, “na presença de uma realidade flutuante e fragmentada, ele se interroga sobre sua própria identidade, sobre sua própria realidade”.<sup>14</sup> Daí a necessidade da procura de algo mais sólido e forte para se agarrar. Com isto, podemos pensar se esta seria então a justificativa para a busca da religião por parte desses jovens, como transparece nas palavras de Lorena, (17), ao se referir à Mãe da Igreja: “*Aqui te passa uma segurança para poder continuar que não tem em nenhum outro lugar*”.

---

<sup>11</sup> BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 167, 1997.

<sup>12</sup> BALANDIER, Georges. *O Dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, ps. 20 e 21, 1999.

<sup>13</sup> Bauman prefere denominar “modernidade líquida” o que outros autores chamam de segunda modernidade ou pós-modernidade porque para ele ainda estamos vivendo nesta modernidade caracterizada pela fluidez onde não houve uma quebra de paradigma que justificasse chamá-la de “pós”.

<sup>14</sup> BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 179, 1997.

É Zygmunt Bauman (2003), um dos sociólogos mais importantes da atualidade, que ilumina a linha de pensamento sobre a necessidade que o indivíduo tem de pertencer a um grupo com o qual se identifique. Diz ele:

[...] a comunidade, cujos usos principais são confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte da sua gravidade à identidade a que confere “aprovação social” **deve possuir os mesmos traços** (grifo meu).

As palavras de Bauman contribuem para o entendimento da minha inquietação inicial de que esses jovens pareciam se esforçar para ficarem, de um lado, iguais uns aos outros enquanto integrantes das comunidades carismáticas e, de outro, diferentes dos demais. Para se configurar enquanto grupo, é condição necessária e imprescindível essa identidade comum a todos os membros, que vai ao mesmo tempo fazer com que se aproximem e que não queiram mais se afastar depois de aceitos, como explica Bruno (21):

*“Vou a todos os retiros e todo mundo me conhece. O que me prende é a fé, mas a questão da Renovação prende muito também, como conduz o louvor, a música e o incentivo aos jovens, que é a característica da RCC, e me fez crescer muito. Quem eu sou hoje é completamente ligado à Mãe da Igreja. Eu não ando com ninguém de fora, minha vida é toda aqui”.*

A marca forte de pertencimento ao grupo, exposto por Bruno, define a formação de uma comunidade com a qual o jovem se identifica e é ratificada na fala de Fernando (17): *“O que faz a diferença é a comunidade, o grupo que você cria”.*

Como esses jovens estão num processo de construção de suas identidades, processo este complicado por estarem vivendo nessa “modernidade líquida”, eles ficam muito suscetíveis a “colar” suas identidades individuais a um modelo de ser jovem adotado pelo grupo que os acolheu. Fabíola (17), uma das minhas entrevistadas, reafirma o que foi relatado por Bruno:

*“Continuamos na Mãe da Igreja porque os valores são compatíveis com os meus. A Mãe da Igreja prioriza alguns valores que são os meus, como não olhar só os defeitos dos outros e me ajudar a ser uma pessoa melhor”.*

Essas manifestações reportam a Émile Durkheim, que nos seus estudos descritos na obra “As formas elementares da vida religiosa”, descreve como o que é sagrado é protegido pelas interdições ao que é profano, sendo que aquele que renuncia ao profano para entrar no mundo do sagrado “morre” para poder renascer por meio de uma cerimônia, que promove os sentimentos de fazer parte e de exclusão.

Guardando as devidas proporções e minimizando os problemas de se passar das comunidades primitivas estudadas por Durkheim para a complexidade das comunidades carismáticas atuais, pode-se dizer que a cerimônia ritual comentada pelo referido autor seria similar, no caso dos jovens da RCC, ao “batismo no Espírito Santo”, vivido como uma experiência na maioria das vezes nascida de um estado de oração profunda a partir da qual a pessoa vai receber dons que guiarão sua vida espiritual. Rafael (20), e na seqüência, Rafaela (18), nos contam suas experiências:

*“Foi por Deus mesmo, eu rezei e senti Deus, senti uma coisa que nunca tinha sentido na vida e a partir daí participo de tudo”.*

*“Eu não queria ficar, mas logo no primeiro retiro senti o amor de Deus. Num dos momentos lá aconteceu. A partir disso não consegui sair mais”.*

A coesão do grupo se explica então por seus membros aderirem a sentimentos e crenças comuns, o que Durkheim chamou de “consciência coletiva”.<sup>15</sup> As discussões que envolvem o que esse autor denomina consciência coletiva podem inspirar a reflexão de que a RCC, ao orientar o comportamento dos seus jovens adeptos, estabelece uma disciplina, uma conduta moral que será seguida por todos eles, pois é dessa maneira que a religião exerce a função social de ordenadora da realidade. Quem não se comporta da maneira aceita pelo grupo é dele afastado, ou ele mesmo se afasta, por não comungar do ideário que mantêm o grupo. As idéias sobre a realidade dependem do suporte social que essas idéias recebem, daí a culpa sentida pelo indivíduo, advinda de uma transgressão dos valores consensuais do grupo. Pela definição de Durkheim, “uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas

---

<sup>15</sup> Em 1895, na obra “As regras do método sociológico”, Durkheim explica o sistema de interdições como uma coerção do grupo que faz manter o indivíduo em sociedade, para não ser dela banido.

sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem”.<sup>16</sup>

O que Durkheim destaca pode ser identificado nos dizeres de Fernando (17) em sua história de vida: *“Tudo que você vive aqui dentro é igual lá fora, só que aqui é com moral, com intuito, e coloca Deus em tudo”*.

A coerção do grupo pesquisada por Durkheim aplica-se à observação dos jovens da RCC quando vemos que eles se comportam de acordo com as regras estabelecidas no grupo. Por detrás do que os jovens pensam que é bom porque foi escolhido livremente, está presente um sistema de interdições profundas e estruturais que não são claramente percebidas pelos membros do grupo. Não percebem porque de certa forma os jovens podem estar mesmo na busca do controle, da ordem que não foi encontrada nos outros grupos relacionais (família, escola, trabalho). Se participar de um grupo religioso traz ordem, paz e sentido para a vida dos seus membros, isso parece explicar, num primeiro momento, porque a RCC se tornou tão atrativa para esses jovens que, inseridos no contexto caótico e disforme da modernidade, podem encontrar numa comunidade religiosa bem-estar e segurança. Identificados com o grupo, passam a repetir o comportamento que mantém sua coesão e orienta sua relação com o mundo. Durkheim (2008) continua atual quando define a religião como um conjunto de práticas e representações coletivas imbuídas de significado sagrado, que garantem o consenso moral do grupo e vão moldar a maneira de agir de seus membros, o que poderia explicar o comportamento das comunidades carismáticas, como nos mostra Tiago, (18):

*“No segundo retiro da crisma tive uma conversão muito forte. Comecei a gostar da música e da crisma daqui. Era a primeira vez que eu fazia alguma coisa importante, que fosse reconhecida, aí fiz discipulado, sabe como é, ganhei uma nova vida e nunca mais saí”*.

A “nova vida” mencionada por Tiago corresponde a uma vida nos moldes da comunidade carismática e com base nos comportamentos que a RCC reforça como positivos para a manutenção do grupo, seguindo as proposições mais antigas da Igreja Católica, como por exemplo, a castidade, que aparece no relato de Marcus (24):

---

<sup>16</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3.ed. São Paulo: Paulus, p. 79, 2008.

*“Sigo porque tenho que dar o exemplo, por ser monitor, como vou pregar uma coisa que não faço? Muita gente acaba saindo porque não dá conta disso. Eu sigo por ser um modelo para os outros, mas acho muito difícil, tem hora que é muito difícil”.*

No caso da Renovação, o modelo acima citado é construído a partir de noções dicotômicas do que é certo e errado para a Igreja Católica, do bem e do mal e do que é de Deus e do que não é, ou seja, do que é sagrado e do que é profano, como fica claro através do tema da crisma de 2007 da Mãe da Igreja, “ser diferente: ser de Deus”. Na sua tese de doutorado, falando sobre a RCC, Brenda Carranza destaca

[...] o impacto positivo que o discurso doutrinal e disciplinar do catolicismo intransigente possa vir a ter num mundo marcado pela insegurança, que o pluralismo de escolha provoca no indivíduo moderno. Ou seja, a rigidez moral proposta por Roma encontra eco em pessoas e grupos que procuram um mundo ordenado, com imperativos éticos e morais que lhes proporciona o conforto de não estar refletindo a todo momento sobre o que deve ou não ser feito ou as decisões a serem tomadas; a disciplina e a normatividade substituem a sua capacidade de risco e reflexividade.<sup>17</sup>

Para esses jovens carismáticos, reproduzir esse modelo, não só nos comportamentos e na fé, como também na sociabilidade e no lazer, torna-se tão importante que fazem da evangelização uma meta a ser cumprida pelo grupo, como nos conta Fernando (17):

*“Tem os que saem, mas com os que ficam você cria um grupo muito forte, se você precisa de ajuda em qualquer lugar pode contar, não fica preso só em Deus, a RCC envolve tudo, a escola, as famílias, tudo que a gente sente e te preenche, não tem como você sair. A RCC mostra Jesus muito mais próximo da gente e não como algo superior, apesar dele ser importante é mais fácil lidar com ele próximo de você, fica mais fácil o relacionamento e passar para os outros também. Você passa para os mais novos e isso te preenche. Você mostra*

---

<sup>17</sup> CARRANZA DÁVILA, Brenda. *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

*a relação com Deus para os meninos e eles se encantam igual você se encantou um dia”.*

No relato de Rafael (20) aparece como se dá esse processo da evangelização e como cada comunidade ligada à RCC tem suas características próprias, mas sem sair das normas da Igreja:

*“A Mãe da Igreja não é RCC pura, a RCC eu conheci através da Canção Nova. Passei um réveillon lá e passei a participar de tudo: retiro, pregação e trabalho com as crianças. Na Mãe da Igreja o louvor é mais animado, a RCC não faz tanto louvor. Quero levar o que tem aqui para o mundo inteiro. Mas a RCC é mais rica em conhecimento, na tradição da Igreja Católica. Comecei a ir a RCC porque gosto de entender o que estou vivendo. Fui ao retiro para perseverar no caminho de Deus. Vi o testemunho de pessoas diferentes. Como eles nos ensinam lá, a palavra atrai a pessoa, mas o testemunho arrasta”.*

Através desse movimento de “arrastão” a RCC engrossa suas fileiras, usando os jovens como seus principais evangelizadores midiáticos, o que transparece na fala de Bruno (21):

*“Já participei de todas as obras e hoje sou ministro da eucaristia e da música. O que chama muito aqui é a música, envolve bastante. A partir da música os meninos acabam entrando no louvor e participando de tudo. A comunidade da RCC é predominantemente jovem mesmo. Os de 20, 30 anos dão as orientações e assim a comunicação é muito melhor com os mais novos devido à linguagem, aos costumes, do que se fosse dada pelos mais velhos”.*

O ordenamento da realidade proposto por Durkheim (2008) no que diz respeito à função social da religião pode ser detectado em vários trechos das entrevistas aqui transcritas. Entretanto, um olhar mais aprofundado, baseado nas colocações de Bauman (1999) e Balandier (1997), vai permitir novas observações nas falas dos jovens carismáticos. Fica perceptível através de uma análise acurada que a organização mais ampla da RCC traz focos da tensão descrita por Bauman entre a autonomia da liberdade individual e a segurança proporcionada pelo pertencimento à comunidade.

Contrário à linearidade do pensamento funcionalista de Durkheim, Bauman traz outra idéia de ordenação, afirmando que “A existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos. (...) Sem a negatividade do caos, não há positividade da ordem; sem o caos, não há ordem”.<sup>18</sup> Para Bauman, portanto, o homem é o ser da ambivalência, e ao criar o *não* cria ao mesmo tempo a opção do *sim*: a modernidade líquida e desordenada carrega na sua fluidez o seu contrário, com a possibilidade da mudança, da escolha. E a juventude, que ao entrar nesse mundo já o encontrou com todas essas contradições, é capaz de conseguir se movimentar rapidamente na mesma velocidade com que tudo se desloca, ampliando suas oportunidades de experimentação em todas as áreas. Portanto encontraríamos a explicação da busca da religião por parte da juventude na sociedade moderna dentro da contradição inerente a essa mesma sociedade, presente nos seus deslocamentos de ordem e desordem.

Balandier (1997, 1999) sustenta, assim como Bauman (1998, 1999, 2001), que ordem e desordem são indissociáveis como as duas faces de uma moeda, onde embora pareçam ser uma o inverso da outra estão no mesmo todo<sup>19</sup>, numa composição dialética no movimento incessante da vida. Dentro dessa visão de mundo os jovens carismáticos não podem ser vistos então meramente como seres passivos atraídos para o grupo e modelados sem contestação, pois essa contestação estaria presente inclusive na sua escolha consciente por participar desse grupo e não de outro. Além disso, através de suas ações eles também vão moldando e modificando a RCC, como mostra a presença não de padres, mas quase que absoluta de leigos nos postos de liderança. Esses líderes leigos podem casar e ter filhos sem deixar de guiar os grupos de oração e as obras da Igreja, como esclarece Cecília Mariz em entrevista para a revista IHU on-line:

[...] Uma mudança importante parece ser o papel do leigo. As comunidades possuem líderes leigos e, por vezes, casados e com filhos. Acho isso uma novidade. Nessa experiência, a família, filhos e vida sexual não parecem ser um impedimento para

---

<sup>18</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 14 -15, 1999.

<sup>19</sup> Assim descreve Balandier na pg. 121 do capítulo “A desordem se traduz em ordem” da op. citada do autor, “A desordem: elogio do movimento”.

a liderança e o crescimento espiritual. Nesse sentido, o projeto das novas comunidades questiona o modelo mais tradicional de igreja<sup>20</sup>.

Este trecho da entrevista de João Henrique (18) corrobora a fala de Mariz, deixando clara a liderança dos leigos na RCC:

*“Cada ministério tem quatro coordenadores além dos facilitadores e diretores espirituais. Eles que resolvem como vai ser o ano seguinte, quando vão ser os retiros e tudo mais. O Padre participa da reunião do CAJ (Conselho Aplicado Jovem), mas quem decide tudo são os coordenadores leigos”.*

Outro dos meus entrevistados, Rafael de Oliveira (30)<sup>21</sup>, mostra com sua história de vida esse processo vivido por jovens que entraram na RCC aos 15 anos e hoje aos 30 anos fazem parte desta liderança leiga, fruto de um trabalho de proposta de mudança que vem sendo desenvolvido por eles, semelhante neste aspecto às comunidades eclesiais de base. Dessa maneira, a RCC não pode ser vista como um retorno ao paraíso perdido, nem como um grupo harmônico onde não existam contradições nem competições internas. Da mesma forma, o modelo de jovem carismático revelado pelas histórias de vida não pode ser entendido como um simples retrocesso ao padrão tradicional, pois abre também a possibilidade de uma escolha contestadora de um padrão de ordem-desordem da modernidade que essa juventude não quer seguir<sup>22</sup>. A juventude da RCC contesta o padrão homogeneizado da sociedade ao tentar pensar diferente, não adotando um modelo único de ser jovem veiculado pela mídia e valorando um jeito de atuar dentro da RCC que apóia a ação dos leigos, o que pode vir a abalar a estrutura mais tradicional da Igreja Católica e soprar os ventos renovados desejados por esses jovens carismáticos.

---

<sup>20</sup> MARIZ, Cecília. O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo. **Revista eletrônica IHU on-line**. São Leopoldo, edição 307 de 08 de setembro de 2009. Disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Acessado em 17/09/2009.

<sup>21</sup> Todos os nomes das pessoas entrevistadas que aparecem no texto são reais, tendo sido sua divulgação autorizada, assim como a transcrição de seus relatos.

<sup>22</sup> A este respeito ver STEIL (2007), que aponta esta perspectiva de escolha consciente por parte dos indivíduos que se inserem num grupo religioso.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

\_\_\_\_\_. *As formas elementares da vida religiosa*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARRANZA DÁVILA, Brenda. *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

IBGE. Estimativas das populações dos municípios em 2008. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 12/09/2009.

MARIZ, Cecília. O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo. **Revista eletrônica IHU on-line**. São Leopoldo, edição 307 de 08 de setembro de 2009. Disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Acessado em 17/09/2009.

NOVAES, Regina & MELLO, Cecília. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. Comunicações do Iser*, n.57, ano 21. Rio de Janeiro, 2002.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARTINS, Andréa Damacena. *Crenças e motivações religiosas*. In: SOUZA, Luiz Alberto Gómez & FERNANDES, Sílvia Regina Alves (orgs.). *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. Coleção CERIS. São Paulo: Paulus, 2002.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Atribuições. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/sec\\_geral/Juventude/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/) Acessado em 29/05/2009.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões. **Revista IHU online**. São Leopoldo, maio 2007. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu> Acessado em 14/02/2009.